



INSTITUTO MECHANICO EM BATH.

No CONDADO de Somerset, a 107 milhas de Londres, está situada Bath, cidade de 50:000 almas, parte em eminencias, parte na planicie cortada pelo Avon e pelo canal entre Bristol e a metropole: dão-lhe celebridade os seus banhos quentes naturaes ou caldas; e alem da grande concorrência de pessoas, que por causa delles a frequentam, acode muita gente a passar alli os mezes do inverno, por gozar mais branda temperatura que no restante da Inglaterra: um viajante portuguez refere que o maior frio que notou em Bath, no fim de janeiro e em fevereiro de 1832 foi de 40° no thermometro de Fahrenheit. Todas as cidades inglezas principaes se parecem no aceio e construção dos edificios com a capital; os de Bath offerecem agradável perspectiva, por serem feitos quasi todos não com tijolos mas com pedra que se arranca nos arredores, e que arremedando o marmore tem a vantagem de ser facil de lavar: o territorio não é desprovido de mattas, nem de boas aguas, os outeiros são verdejantes, ferteis as encostas, e as baixas alcatifadas de viçosas pastagens: a desigualdade do terreno proporciona vista mui variada de aprazivel paiz, que póde contemplar-se dos sitios altos da cidade. Se algumas ruas são acanhadas, muitas são espaçosas e bellas; as lojas são ricas, tanto pela qualidade e profusão das fazendas, como pelo luxo e bom gosto

FEVEREIRO 26 — 1842.

das armações. — Dos edificios mencionaremos a igreja conhecida pelo nome de abbadia de S. Pedro e S. Paulo no assento que fôra occupado por um templo de Minerva: foi erecta no estylo gothico em 676; a fôrma externa é de cruz; tem na frente uma torre quadrada de quasi 29 braças d'altura, sobre uma janel-la de 80 palmos por 35 de largura, a que chamam vulgarmente *a lanterna d'Inglaterra*: o interior, cujas paredes estão cheias de le-treiros e monumentos sepulchraes, é recommendavel pela elevação de seus arcos ellipticos de extrema delicadeza.

Quatro são os estabelecimentos dos banhos medicinaes, cujas fontes nascem quasi no centro da cidade: um denomina-se *banhos dos reis*, porque comprehende os quartos destinados ás pessoas reaes; é um edificio da figura de parallelogrammo; a nascente está dentro de um cylindro de pedra, e é tão abundante que despeja por minuto 26 almudes e 8 canadas d'agua; os banhos quando cheios na altura de 6½ palmos contem 15:208 almudes: o calor em a nascente é de 114° a 116° e no banho de 100° a 101°. — Neste, como nos outros tres estabelecimentos, ha banhos *de choque*, *de mergulho*, e *de chuva*. — Nos banhos, que chamam particulares, cada pessoa póde ter por um cruzado pouco mais ou menos dois quartos á sua disposição, um com tanque de azulejo

2.<sup>a</sup> SERIE — VOL. I.

branco para se banhar, e outro para se despir, onde acha roupa, e fogão acceso. Os banhos denominados publicos teem um grande tanque descoberto, circular, com 80 palmos de diametro; admite de cada vez oito pessoas; homens n'um dia, mulheres no outro; na circumferencia estão quartos separados que se alugam por um xelim, que anda por 200 réis. O vasto salão, *pump-room*, franco a todos sem despeza, tem 90 palmos de comprimento por 85 de largo; estriba-se o tecto em 16 columnas da ordem corinthia, d'uma de marmore sahe por torneiras a agua que os doentes bebem, e na mesma casa a passeiam.

Os hospitaes de Bath são bem mantidos; um delles especialmente recebe os enfermos pobres de qualquer nação, que vem procurar o beneficio das aguas thermaes. A par das instituições de caridade florescem as litterarias; uma destas, fundada em 1826, possui uma bem escolhida livraria, e um pequeno museu. — O Instituto Mechanico, associação das classes industriaes, por seus membros sustentado, fez recentemente erigir um edificio proprio, cuja frontaria, coroada por balaustres e a estatua de Minerva, damos em estampa; por cima da principal entrada assentaram o brazão d'armas da cidade: destina-se a conter a bibliotheca, sala de leitura, gabinete de physica, galeria de pinturas e outros estabelecimentos instructivos, adequados o mais possivel á corporação a que pertencem.

## PORTUGAL.

### V.

#### MOSTEIRO DE BELEM.

### 2.º

ANTES de entrarmos em especialidades descriptivas, julgâmos oportunas algumas breves reflexões acerca do estado em que se achava a architectura europea quando se começou Belem. Breves dizemos, porquanto os limites do jornal e do nosso assumpto não consentem que recordemos as vicissitudes incessantes porque passara essa arte nos seculos historicos anteriores; e com especialidade na idade media, em que se viu levada ao seu auge de primor e grandeza — não diremos se de gosto — pela associação secreta de todas as intelligencias architectonicas — de todos os mestres pedreiros.

As ordens da Grecia e Roma, que nem tinham podido n'outras eras arrostar os ventos e gelos do norte, ficaram submergidas debaixo das ruinas causadas por esses invasores fortes, chamados barbaros, que trouxeram em

seu maximo auxilio o christianismo, e com este as bases para o progresso da construção dos edificios religiosos. — O augmento das riquezas do clero e a fundação de muitas igrejas produziu uma architectura original, que pela cooperação dos membros da associação veio com o andar dos tempos a appresentar varios estylos, cujas simples feições denunciarão, ao historiador entendido, o tempo em que foi feita a obra, melhor ou pelo menos mais rapidamente do que a fraseologia dos documentos ao mais sabedor diplomata, ou o caracter da letra ao paleographo experiente.

Em todos os estylos da architectura da idade media, que nem porque impropriamente foi chamada gothica se decide, predominam as fórmas perpendiculares, que entre a abundancia dos ornatos são religiosamente guardadas no complexo harmonico da concepção. Por fim o perpendicular afugentou a maior parte das decorações, e começou a enfastiar o ver continuamente o prumo do alvenel diante dos olhos. Demais os mestres pedreiros da associação com o ciúme de se verem frequentemente excedidos na invenção por genios inspirados antes de professos, começaram, para satisfação de seu muito amor proprio offendido, a pugnar pela necessidade de coarctar a estes os seus vãos, e quasi reduzir a officio a nobre arte da architectura. A este tempo as artes do meio-dia acoutadas em Constantinopola [Byantium] espalharam pela Europa a sua influencia solapada; e já então a architectura bysantina, como diz Hope — e nisto vai com Schlegel e os encyclopedistas — tinha invadido as proprias mesquitas mahometanas, e s'amoldára a novas fórmas. — Por outra parte a invenção da imprensa tabularia trouxe a vulgarisação dos classicos gregos e latinos: o gosto pela literatura classica fixou-se de todo. Aristoteles e Horacio, Homero e Virgilio, Xenofonte e Livio começaram a ser vulgares. — Estavam os espiritos repassados da tendencia e inclinação ao que era da Grecia e Roma, quando a obra de Vitruvio começou a correr; e facil lhe foi, com o poderoso auxilio do *Sonho do Polyphilo* angariar sectarios, visto não haver entre os mestres propugnadores que soubessem, nem que ousassem sahir a campo. Pelo contrario: Mayano, Bruneschi, Alberti e Bramanti [aliás Lazzari] constituiram, sem a minima opposição, a dictadura que decretou: restauração! — E Palladio e Barozzi foram muito depois os seus apostolos servis que tem vivido são por tres seculos, e Deus sabe por quanto tempo ainda viverão; — já que a Bernini não appareceu outro rival sepão o cioso e extravagante Borromini.

Quasi que sósinha a terra dos nomes acabados em I, proclama a imitação, lavra-lhe o decreto, assigna-o, passa-o pela chancellaria e fa-lo promulgar na lingua italiana. — E todos imitámos, porque não houve quem dissesse que isso não era o melhor: — não houve quem sustentasse que se a architectura foi muito mais considerada do que a escultura e a pintura, esse conceito só lhe provinha de quanto aquella arte — que entre estas figura, no dizer do conde Algarotti, como a methaphisica entre as sciencias, — demanda de genio e invenção, ao passo que nas outras duas o primor e merito quasi está no imitar objectos, que basta saber observar. — A igreja veio a tornar-se outra vez escrava da Grecia pagaã e a metter-se de novo sob o jugo, de que se libertára. Porem a restauração classica não podia ser feita de jacto. Os entusiastas fogosos da sua novidade precisaram de sustentar na arena uma luta contra os innumerados fustes byzantinos, que como amigos marchavam enfileirados, com turbão e trajas mouriscos, pelas Hespanhas. Ao lado daquelles combatiam sem forças, e sem fé nem esperança os representantes desfalecidos da architectura perpendicular. — Foi no meio desta luta que se appresentaram uns poucos d'homens, os quaes depois de terem na Batalha pugnado ao lado dos ultimos, haviam entrado em muitas mesquitas de terras conquistadas, visto derrubar-se muitas synagogas de judeus, e até por fim devassado os pagodes cavernosos da India; e essês homens disseram: queremos edificar uma igreja. Começaram a juntar pedra e cimento, porem ninguem podia decidir: nós é que temos razão, ou ao menos — nós é que havemos de vencer. O escopro e o cinzel trabalharam livremente, porque só depois de se decidir o combate é que deviam conhecer as regras e estatutos que lhe dariam os vencedores intolerantes. As pedras foram-se entrepondo, amontoando á vontade, e dahi resultou que se uniram todas as fórmulas. A asna, a ogiva (\*), os arcos revirados e todos os de ponto subido, bem como os de volta composta, bicentricos, tricentricos e polycentricos, foram indifferentemente envolvidos com o sarapanel, crescente e ferradura; porem quasi cediam todos á preponderancia do entusiasmo pela resurreição da volta inteira. Era tudo um chaos, tudo anarchia, tudo insubordinação e desobediencia

(\*) Usamos desta palavra na accepção da franceza *ogive*, mais generica do que a do inglez antigo *ogyve*, e do moderno *ogee*, que significa o arco, que tem por contorno duas linhas do perfil da moldura chamada talão ou gola reversa. Ogiva nos significará pois, n'uma só palavra, o arco pontegudo ou de ponto subido, vulgarmente chamado gothico.

aos principios seguidos antes, e ignorancia muitas vezes dos que se passavam a seguir, quando Belem veio ao mundo. Sobre as fronteiras de suas pedras deixou de tudo isto estampadas as provas em caracteres quasi indeleveis, pois que só á força de marrão e camartelo se tem algum tanto apagado.

Elrei D. Manuel não satisfeito com deixar o seu nome escripto nos foraes que reformou de quasi todo o reino, e no codigo legislativo, bem conhecido com o nome de manuelino, e nas muitas moedas que metteu em circulação, e nas numerosas cartas que assignou para enviar pelos archivos do orbe, escreveu em pedra as suas divisas em quasi todas as terras do reino — já nos pelourinhos de muitas villas que ia creando — já nas portas das igrejas que construhia. E com effeito as espheras armillares e as cruces de Christo são os mais communs ornatos de toda essa architectura, pertencente sim, em geral, á época anarchica do renascimento, mas constituindo em Portugal um estylo particular *sui generis*, que ainda se hade caracterizar com o nome talvez de *manuelino*, quando por cá se der importancia á architectura, que de certo está mui longe de consistir nas regras materiaes de Vignola e seus numerosos commentarios seguidos nas eschololas.

Estudem-se nos originaes as obras de Belem; Santa Cruz de Coimbra, que foi nesse tempo toda reedificada de novo; as das capellas imperfeitas e arrendados da crasta real, e a portada da freguezia na Batalha; e em Thomar as do claustro antigo e casa do capitulo no convento, e as da igreja de S. João na villa; as das igrejas principaes em Soure e Evora d'Alcobaça; e em Lisboa a fachada da Conceição Velha e a porta da Magdalena; o convento da Pena em Cintra, o de S. Francisco em Evora e restos de construeções em Serpa, Tavira e outras terras. — Só um tal estudo, feito depois de muita observação, nos poderá conduzir a estabelecer com firmeza os caracteres desse estylo manuelino, cujo typo é Belem.

Por em quanto appresentamos os seguintes, que chegámos a poder deduzir:

1.º Predominio da volta inteira e do sarapanel, terminando nos dois extremos em arcos de circulo, o que segundo Willis é privativo do gosto arabico.

2.º Tolerancia de todas as mais voltas; tendo as de ponto subido um retabulo em harmonia, e os de mais de dois centros pinhas ou maçanetas cahidas das intersecções ou vertices dos angulos curvilineos.

3.º Abobadas sustentadas em altos pilares polystillos ou enfeixados, e com pedestaes; sen-

do o enfeixamento disfarçado não só pela falta de arestas salientes de permeio, como pelas muitas esculpturas e meios relevos.

4.º Demasia e extravagancia nos ultimos, comprehendendo bustos em medalhões, arabescos, bestiães, brutescos, &c.

Louvores ao professor de desenho da Escho-la Polytechnica desta cidade, que soube ir a este monumento original do paiz modular em gesso os ornatos para guarnecer a sua aula magnifica.

5.º Ausencia de molduras rectas, ou antes córtes amiudados dellas por outras curvas, preferindo nos lavores meias laranjas, bocetes, &c.

6.º Os corpos verticaes interceptados por nichos de estatuas, ou por baldaquins torreados e rendados.

7.º As ombreiras das portas, frestas, e janellas quasi sempre compostas, e as bases das columnas, cortadas por salientes repetições angulares, de character peculiar:

8.º Entre as harmonias de construcção — odio continuo a repetições de monotona igualdade nos capiteis, mísulas e gargulas (\*\*), e em geral falta de symetrias bilateraes.

9.º Adopção de preferencia ás fórmulas oitavadas, assim na ramificação dos artezões, como nas bases octogonas.

10.º Finalmente o uso continuo para os flores e ornatos de logares mais notaveis, das divisas conhecidas do rei fundador, e alem disso, tanto em Belem como na Batalha, mais uma esculpida n'um escudo, sobre que pedimos o parecer dos eruditos. Consiste n'um ramo de tres flores iguaes, com pés e folhas que parecem de liz. — Cremos até, pelas occasiões em que as achamos empregadas, que symbolisam a Ordem de Aviz, de que fôra grão-mestre elrei D. João 2.º, e o era então seu filho natural D. Jorge, duque d'Aveiro, primo do fundador.

Belem junta ao complexo de todas estas idéas architectonicas a associação da obra toda á memoria do infante D. Henrique, dos descobrimentos e de S. Jeronymo; o que melhor se verá das descripções minuciosas a que procederemos.

#### MEMORIA Á CERCA DO CONVENTO DE CHRISTO EM THOMAR.

##### 3.º

POR morte de D. Lopo foi nomeado e provido o inclito e venturoso infante D. Henrique, a quem

(\*\*) *Gargula* é palavra mui usada no portuguez, e conhecida por todos os mestres de pedreiro para significar as biqueiras dos telhados mais lavradas que terminam em alguma carantonha ou carranca, ou que tem a fórma de algum monstro, ás vezes bem indecentemente appresentado. Vem do francez *gargouille*, ou antes do inglez *gargoyle* ou *gargle* que significa o mesmo.

elrei seu pai quiz premiar deste modo as façanhas de Ceuta, ganhada quasi por elle sómente. — Este foi, mais que todos, zeloso da conservação, augmento, e reformação da Ordem [diz um dos escriptores das cousas della]: com sua industria abriu as portas á navegação e commercio do grande mar Oceano, nunca d'antes navegado, e manifestou o nome e fé de Jesus Christo aos povos e gentes de tantas e tão remotas ilhas e terras por elle descobertas; e applicando as rendas dellas, e de tudo o que se descobriu da barra de Lisboa para fóra, a esta Ordem de Christo no espiritual por bullas apostolicas e consentimento dos reis. — E com effeito, ainda que o animo grande e emprehendedor do infante, os conhecimentos especiaes que tinha das mathematicas e da cosmographia, e o amor em fim da sciencia o levassem para aquellas empresas novas dos descobrimentos maritimos e terrestres, é certo com tudo que estes desejos e determinação assentavam solidamente nos principios da sua moral, e nos deveres annexos á sua qualidade de Mestre da Ordem de Christo; assim o indicam os escriptores contemporaneos, e os outros que se lhe seguiram; a saber: Fernão Lopes, e Azurara, e Azinheira, e João de Barros. Porem nas mesmas cartas de doações que os reis lhe fizeram, e nas bullas pontificias que as confirmaram temos nós expressa essa consideração. Elrei D. Affonso 5.º, seu sobrinho, assim se explicou na carta de doação de 1454: — e por que o ditto Infante conquistou as praias de Guinéa, de Zubia, e de Ethiopia, consirando nós que *com algumas despezas da Ordem de cavallaria de Jesu-Christo, e por contemplação sua a ditto conquista foi começada e progredida*, rasão nos pareceu a ella pertencer a espiritualidade das terras conquistadas e por conquistar, como se Thomar fosse. — E nas bullas confirmativas desta doação expedidas pelos papas Nicoláu 5.º e Calixto 3.º se repete a mesma rasão e causa da graça obtida, dizendo-se: — confirmâmos e approvâmos a doação feita de todas as terras descobertas e por deseubrir [no espiritual] á Ordem de Christo, *com cujos rendimentos dizia o infante ter adquirido taes descobrimentos.* —

Não foram porem somente os rendimentos da Ordem e os deveres e encargos como Mestre, que já apontámos, os instrumentos dessas conquistas, pois é sem duvida que em muitas occasiões a ellas respectivas achâmos figurando os cavalleiros e dignitarios da mesma Ordem. Quando o infante mandou no anno 1443 um emissario ao papa Martinho 5.º, supplicando-lhe a indulgencia da cruzada para os portuguezes que morressem nos descobrimentos — en-

viou, diz Azurara na chronica de Guiné, um honrado cavalleiro da Ordem de Christo que chamavam Fernam Lopes d'Azevedo, homem de grande conselho e auctoridade ==: quando mandou povoar as ilhas dos Açores commetteu essa importante commissão a Gonçalo Velho, commendador d'Almourol, homem experimentado e famoso nas guerras africanas: e quando recebêra jubiloso e triumphante o seu atrevido navegador, Antão Gonçalves, o primeiro que trouxe ao reino negros de Guiné e outros productos de mercancia daquellas paragens, == o infante, diz o mesmo chronista, como principe tão generoso que era promoveu o afortunado Gonçalves com a commenda e castellania de Thomar. == Finalmente quando o mesmo auctor refere a expedição das caravellas do Algarve, que juntas ás do infante sahiram da bahia de Lagos, commandadas por cavalleiros de grande consideração, como eram Eannes da Graã, Alvaro Gil, Mafaldo e outros, accrescenta: == os quaes, postas as bandeiras da Ordem de Christo nos seus navios, fizeram sua via caminho de Cabo-branco. ==

Retrocedamos porem um pouco. Depois que o infante D. Henrique foi provido no mestrado da Ordem de Christo em 1417, devemos suppor que viria residir em Thomar, cabeça da mesma Ordem, e supposto que desde o anno 1419, depois da sua segunda jornada a Ceuta, elle tivesse a peito os descubrimentos da costa occidental d'Africa, não nos parece com tudo que elle se afastasse do seu mestrado senão annos depois, ahi por volta do anno 1421 em que começaram suas tentativas annuaes, que duraram sem resultado até ao anno 1433, em o qual o seu criado Gil Eannes passou o cabo Bojador. Desde o anno porem 1437 em que lhe aconteceu e a seu irmão, o infante D. Fernando, o desastre de Tangere, desgostoso, e retirado viveu habitualmente no Algarve dedicado quasi exclusivamente aos negocios maritimos. Nesta empresa, que os successos prosperos foram coroando, empregava o infante D. Henrique alem de suas rendas proprias, que eram consideraveis, os rendimentos da Ordem de Christo, como deixámos demonstrado; porque quasi por amor della se faziam as conquistas, e para sua gloria e proveito se estabeleciam as igrejas e colonias catholicas d'alem mar. Se o mesmo infante alcançou para a dita Ordem a maior influencia e dominação espiritual de que ha exemplo na historia das corporações religiosas, tambem se não descuidou d'augmenta-la e engrandece-la igualmente nas construcções e fundações materiaes. A igreja e convento de Santa Maria de Restello em Belem, onde como com um pé sobre os

mares collocou alguns freires da Ordem, e os dois claustros que o chronista Azurara na chronica já citada aponta feitos em Thomar, são boa prova da sollicitude do mesmo infante. Até o anno porem de 1449 era só por costume e tolerancia que o convento de Christo estava sendo cabeça da Ordem: pois que foi somente nesse anno que, a petição do mesmo infante D. Henrique, commetteu o papa Eugenio 4.<sup>o</sup> ao bispo de Vizeu, D. João, a reforma da Ordem a que effectivamente procedeu d'accordo com o infante; e por ella se fixou definitivamente ahi a casa mestral e capitular.

Seguiu-se a este afortunado regimen de mais de 40 annos, o de seu sobrinho o infante D. Fernando, o qual, seguindo em tudo as pizadas de seu tio, regeu com muita prudencia e zêlo a Ordem, e fundou nas ilhas muitas igrejas filiaes della. Governou-a 10 annos, pois falleceu ainda moço.

Foi nomeado depois deste, seu filho D. Diogo, duque de Vizeu; e é curioso saber-se, que, sendo ainda menino ao tempo de sua promoção, obteve sua mãe, a infanta D. Beatriz, bulla apostolica para gosar e administrar o mestrado durante a minoridade do filho.

Sucedeu-lhe seu irmão D. Manuel, duque de Beja, e o conservou não só antes, mas ainda depois de ser rei destes reinos. Este soberano, assim como nos descubrimentos e conquistas foi o emulo e imitador feliz de seu inclito tio o infante D. Henrique, da mesma sorte levado do amor e zelo que teve pela Ordem de Christo a augmentou, engrandeceu, e elevou a um gráu d'esplendor nunca mais visto nem imitado. As conquistas do Oriente continuaram, assim como o haviam sido as das costas d'Africa, a serem feitas com os antigos direitos, instituto, e vocação primitiva da Ordem de Christo, e sob os auspicios da sua bandeira, como nos testeficam Barros e Couto nas suas Decadas. As rendas avultadissimas da mesma Ordem, de que dispunha o mesmo soberano, lhe facilitavam em grande parte o preparativo de suas frotas, e a recompensa devida aos seus melhores servidores. Eis como se explica um dos escriptores da Ordem: == Este rei alem de muitos templos que fez em reconhecimento das graças obtidas, ampliou e accrescentou grandemente a Ordem de que era Mestre: impetrou do papa Leão X a criação das commendas novas, assim como outras que instituiu nas rendas e direitos do proprio mestrado, havendo, que assim como as rendas delle por mercê de Deus iam em grande crescimento, era tambem devido por seu louvor, em reconhecimento de seus grandes beneficios a esta Ordem feitos, accrescenta-la naquellas cou-

sas em que os cavalleiros que bem servissem na guerra dos infieis recebessem os premios e galardões devidos a seus trabalhos; e com este intento creou nas rendas da mesa mestrall 30 commendas e habitos para os cavalleiros moradores em Africa, alem de muitas cavallarias aos ditos logares ordenadas; creou e dotou a commenda de Santa Maria d'Africa, Arguim, e outras em diversas ilhas nos dizimos dellas que são do mestrado. =

Por differentes vezes esteve elrei D. Manuel no seu convento de Thomar no largo periodo de 37 annos que regeu a Ordem de Christo: celebrou ahi por differentes vezes capitulos geraes, sendo de todos o mais importante o do anno de 1503, em que fez proceder aos estatutos e Definições pelas quaes a Ordem se ficou regendo, e que em pequenos pontos sómente depois foram reformadas nos reinados seguintes. A residencia que fez por vezes no convento de Thomar lhe proporcionou occasião de mostrar ahi aquelle genio edificador, de que ha permanentes signaes nas espheras plantadas em quasi todas as cidades e em muitas villas do reino: mas de suas construcções fallaremos adiante.

D. João 3.º foi o ultimo Mestre particular da Ordem, porque no seu tempo a politica lhe suggeriu a idéa d'incorporar perpetuamente na coroa o governo e administração dos mestrados das tres ordens militares, obtida do papa Julio 3.º no anno de 1551. Mas este soberano foi tambem em pessoa ao convento de Thomar em 1523; e em capitulo ou com auctorisação deste reformou o modo de vida dos freires conventuaes, tornando-os de clerigos regulares em religiosos de cogula; para o que convocou pessoas de grande conceito em saber e virtude, e mandou fazer, diz o já citado escriptor, = dormitorio, refeitório, casa de noviços, claustros e mais officinas, de cuja grandeza e perfeição dão ellas mesmas de si testemunho. = Foi este mesmo soberano que creou o tribunal da mesa das ordens.

= Elrei D. Sebastião, diz ainda o mesmo escriptor, pela muita affeição que tinha á cruz de Christo tomou o habito della no mosteiro do Cabo de S. Vicente, no Algarve, no anno de 1573, e dahi por diante sempre foi visto trazer ao peito sobre suas vestiduras reaes, e mesmo sobre as armas, uma cruz grande da Ordem de Christo; e com ella assistiu no capitulo geral que nesse mesmo anno celebrou em Santa Maria de Marvilla em Santarem. =

O cardeal rei teve pouco tempo de reinado, porem assim mesmo se não descuidou inteiramente das cousas da Ordem; e parecendo-lhe que o breviario romano reformado era mais

accommodado para uso dos religiosos conventuaes, e para o culto das igrejas, o fez substituir ao breviario cisterciense, de que se serviam havia mais de 200 annos.

Os Filippes de Castella se mostraram zelosos e affeioados á Milicia de Christo. O primeiro começou a entender na reforma della, e o segundo a continuou; e vindo a este reino no anno de 1619, pouco depois partiu para Thomar e fez proceder a capitulo geral em que presidiu, concluindo-se ahi em tres dias, desde 16 a 18 d'outubro do mesmo anno, os estatutos por onde se ficou regendo a Ordem de Christo até os nossos dias. Deste mesmo soberano são dois famosos e magnificos monumentos da mesma casa, o claustro ainda hoje chamado dos Filippes, e o grandioso aqueducto do convento.

Elrei D. João 4.º revalidou e confirmou os estatutos sobreditos, e mandou-os imprimir para serem conhecidos do publico.

D. Pedro 2.º deu grande consideração á Ordem de Christo, e como teve de nomear muitos bispos, contemplou os religiosos de Thomar, provendo-os em muitos dos bispados do ultramar. Já no seu tempo estavam mudadas as cousas, porque exigindo-se até então para entrar na cavallaria da Ordem a prova de nobreza dos 4 avós, ou declaração da quebra, quando entravam por dispensa, este soberano ordenou que tal declaração se não fizesse. No decurso deste reinado ahi se alojou o archiduque d'Austria, depois imperador d'Alemanha, Carlos 6.º, quando voltava com elrei D. Pedro da campanha da Beira em 1704.

Elrei D. João 5.º no anno de 1714 quiz em pessoa visitar o convento de Thomar, e elle e toda a sua faustosa comitiva ahi se alojou, na qual entravam os infantes seus irmãos D. Antonio e D. Manuel, o cardeal da Cunha, e muitos outros grandes e fidalgos da côrte.

Desde então até os tempos mais proximos de nós continuou o convento de Christo a ser a casa conventual dos freires, mas em visivel e progressivo deperecimento, resultante de diversas causas, e da differença dos tempos e dos costumes. A chamada reforma que alli foi fazer o Principal Castro, em lugar de suspender ou retardar accelerou esta tendencia descendente: o convento privado de seus religiosos, e de seus antigos direitos de clausura monastica, que desde os tempos d'elrei D. João 3.º lhe assegurava perpetuidade, perdeu tambem muito da affeição e apego habitual dos Freires; e forçoso é dize-lo, estes acudiam já remissos e a custo a reparar e conservar a sua vastissima morada. O flagello da guerra veio cahir com todo o peso d'uma devastação van-

dalica, desde outubro de 1810 até março de 1814, sobre o convento de Christo, despejado de seus habitantes; e os estragos tornaram-se em parte irreparáveis: lá pereceu a maior porção de preciosas antiguidades do seu archivo, arderam as cadeiras do coro, obra primorosa d'elrei D. Manuel; e se a solicitude e o interesse dos freires na sua volta se não tivesse empregado com zelo e briosa perseverança em limpar e reparar as deturpações infligidas, como de proposito, aquella casa, então terminariam já de todo suas funcções. Terminaram ellas com effeito 23 annos mais tarde: e como terminaram? Que cautelas, que medidas se tomaram para preservar e defender aquella casa contra os latrocinios e incursões d'uma cubica estúpida e brutal? Aqui applicaremos sómente n'um sentido inverso o que dizia um grande e desconsolado capitão portuguez no leito da morte: = a India fallará por si e por mim. =

*Da vasta capacidade do convento de Christo de Thomar, e algumas noticias sobre as suas diferentes construcções e monumentos.*

Esta grandiosa e vastissima casa compunha-se de 3 partes distinctas: 1.<sup>a</sup> o convento propriamente dito com sua igreja, claustros, dormitórios, e officinas adequadas a uma grande casa regular: 2.<sup>a</sup> o castello com sua cerca e baluartes: 3.<sup>a</sup> a quinta ou cerca murada do convento; e poder-se-hia acrescentar uma 4.<sup>a</sup>, o famoso aqueducto começado de ordem de Filippe 2.<sup>o</sup> de Castella, em 1595, e concluido por seu filho Filippe 3.<sup>o</sup> em 1613, conduzindo a agua desde uma legua de distancia alem do sitio chamado dos Pegões; obra que talvez servisse de modelo aos arcos das aguas livres de Lisboa. E por esta occasião observaremos de passagem que a usurpação dos Filippes devia ter encontrado alguma sympathia no convento de Christo; porque, não só foi esta casa preferida para as côrtes que alli sancionaram, ou ao menos se accommodaram com a dominação castelhana, mas engrandecida com duas soberbas fundações, a saber, o grande e magnifico claustro, ainda hoje denominado dos Filippes, e o grandioso aqueducto de que fallamos. Deferencia e distincção esta sustentada de pai a filho, porque Filippe 3.<sup>o</sup>, seguindo as inclinações de seu antecessor, ahi foi residir algum tempo, como já dissemos; ahi celebrou capitulo geral, e organisou os estatutos e Definições da Ordem. Não sirva porem a nossa conjectura de desdouro aquella casa, porque outra muito boa gente mostrou naquella apuro de circumstancias melhor vontade e adhesão á

sisudeza e severidade civil e religiosa do maior soberano do seu tempo, do que ás travessuras e inclinações livres de D. Antonio, prior do Crato. D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, e D. Jeronymo Osorio, com todo o seu grande merito, não foram por isso menos acoimados de Filippistas.

*Da igreja do convento de Christo; e dos claustros, dormitorios, e mais officinas da casa.*

Duas mui differentes e distinctas construcções se observam nesta igreja: a capella-mór é visivelmente mais antiga que todo o resto. Esta vulgarmente se tem como obra da primitiva fundação de D. Gualdim Paes, assim como o retábolo interior, a que chamam charola, e as capelinhas que a rodeiam. O resto da igreja desde o arco da capella-mór é certamente do tempo d'elrei D. Manuel, tanto interior como exteriormente. Uma vaga tradição com effeito tem como consagrado a opinião que attribue aquella primorosa antigualha ao 1.<sup>o</sup> Mestre dos templarios em Thomar. É a dita charola uma especie de capella de madeira colocada em volta do altar-mór, como tabernaculo vasado, elevado, e acabado em ponta em fôrma de pavilhão arabe. Sua airosa e elegante estrutura, seus relevos, pinturas, e dourados formando uma especie de rendilhado de gosto oriental, a tornam obra de primor admiravel e d'uma originalidade que infunde veneração. Nós não temos outra rasão para engeitar-lhe a origem senão o ser obra perfeita e delicada, pouco d'acordo com o estado das artes por meiado do seculo 12.<sup>o</sup>: entretanto ocorre-nos uma lembrança; e é que havendo militado na Syria e Palestina por alguns annos o dito D. Gualdim, bem poderia trazer, ou mandar construir ahi aquelle tabernaculo para offerecer á Ordem do Templo em Portugal, a que pertencia: e com effeito não só a apparencia, mas o genero de sua construcção e o fino e acabado de seus ornatos querem persuadir ser obra do Oriente, muito mais adiantado nas artes então do que o Occidente.

Igual conceito porem nos não inspiram as demais construcções da capella-mór, as quaes, não podendo ter a mesma origem estrangeira, são comtudo demasiadamente bellas e acabadas para as reputarmos d'uma data tão remota. A fôrma da capella-mór exteriormente é octogona, e termina em fôrma de terrado de castello ou fortaleza com sua guarda ou parapeto guarnecido d'ameias, o que lhe dá uma apparencia classica e veneranda: octogona igualmente é a sobredita charola, de maneira, que devemos suppor que uma foi talhada para se

acordar com a outra. Nas pequeninas capellas, e nos intervalos dellas em volta da charola, nos disseram terem estado alguns mui bellos paineis, e até me fallaram d'um de Raphael: nós já não achámos senão o sitio donde foram deslocados. O corpo principal da igreja, assim como o coro, as portadas, e os ornatos exteriores, tudo é obra d'elrei D. Manuel; o qual, tendó provavelmente achado mui pequeno e acanhado o ambito da igreja primitiva, a quiz accrescentar. Infelizmente porem, como os espiritos do magnânimo monarcha tinham de ser alli reduzidos e apanhados, para que o todo se accommodasse com a antiga construcção conservada, ficou sendo remendo mal serzido, e a igreja desagradavel, sem graça nem proporção. O coro, onde o mesmo soberano mandou colocar aquellas famosas cadeiras de madeira oriental, queimadas pelos francezes em 1810, ficou n'uma posição tão desengraçada que nem é coro de cima nem coro de baixo, e faz uma figura repugnante. Se porem a igreja accrescentada d'elrei D. Manuel nada tem de bello por dentro, o contrario acontece pelo lado de fóra, em que o luxo da arte a enriqueceu de curiosa elegancia e magnificencia. As duas janellas ou frestas lateraes destinadas a dar luz, são admiraveis de lavor em alto e vasado relevo; descrevendo-se em volta de todo o ambito dellas um grosso cordão de fina cantaria lavrada, entresachado de flores e grandes laçadas formadas com as pontas do mesmo, o que faz um bello effeito. Em torno dos angulos da fachada estão quatro estatuetas feitas da mesma pedra de cantaria da igreja, representando guerreiros com casco e saias de malha, tendo cada um delles pendentes da mão um escudete sem divisã nem emblema que nos podesse indicar o que figuram: verosimilmente quizeram ahi representar algumas personagens distinctas e notaveis da casa, ou templarios, ou da Ordem de Christo. O tempo já tombou para o lado uma das ditas estatuas, que por um acaso feliz encontrou na sua queda um apoio na parede ahi proxima, que a está amparando por agora.

(Continuar-se-ha.)

## ARTES.

### Douradura.

O METHODO antigo, que consistia em applicar o ouro mui dividido e obtido pela precipitação da solução de um dos seus saes ou pela incineração de um estofa de linho embebido nesta solução, polindo-se depois com a cortiça ou a dedo, dava um resultado de pouca permanen-

cia. — O processo anglo-allemao de Eklington, que vem a ser mergulhar a peça n'uma solução a ferver de urato de potassa, dá um dourado mui brilhante mas de pouca consistencia e duração. — O meio das correntes electricas que depoem molecula por molecula o ouro de uma solução sobre a peça a dourar, exposto por Delarive [vid. a pag. 46 n.º 6.º desta 2.ª serie] parece que tambem appresenta inconvenientes: a douradura não penetra por toda a parte; não se podem dourar peças grandes; é necessario tirar a peça muitas vezes da pilha, e esfregar para polir; e apesar de tantas precauções, o dourado fica com suas pintas. — M. Ruolz emprega para o mesmo fim uma solução de 10 partes de cyanuro de potassium em 100 partes de agua distillada; accrescenta-lhe uma parte de cyanuro de ouro, e mergulha os trastes ou peças como no processo allemao: assim douradas appresentou algumas á Academia das Sciencias em Paris o mencionado inventor.

### Modo de limpar a baixella de prata.

Tomaremos por unidade a onça. Portanto misturem-se as tres substancias seguintes para formar um pó: a saber; — cremor de tartaro em pó fino, duas onças; carbonato de cal em pó fino, duas onças; pedra hume em pó fino, uma onça. Dilua-se esta mistura com alguma agua, e usando de um panno de linho macio esfregue-se com ella a baixella de prata, que recuperará o brilho de nova; lave-se depois e enxugue-se com cuidado. Se o lavor da prata offerecer escabrosidades, sirvam-se de uma escova molhada no polme feito com o pó que ensinamos.

### Verniz para os estofos de seda e flores artificiaes.

Até o presente, para este uso, tem-se empregado a gomma elastica dissolvida na essencia de terebenthina: o que dá de si graves inconvenientes: passado algum tempo a peça assim preparada fica incapaz de servir, alem do que conserva um certo cheiro forte daquella essencia. — Ha outro methodo mais economico. — O verniz que usam agora n'algumas fabricas consta de uma solução saturada de gelatina em vinagre commum. Prepara-se com auxilio da colla forte do commercio, que se escolhe com a menos côr possivel; corta-se em bocados miudos que se poem em contacto com o vinagre, e aqueita-se ao de leve. Esfriada a solução pôde empregar-se: mas para se applicar, ajunta-se-lhe previamente a côr que se deseja. Este verniz não se altera, é economico, e sécca promptamente.